



#89

FCPF MAGAZINE

revista de acompanhamento ao jogo

JORNADA 4

FC PAÇOS DE FERREIRA X LEIXÕES SC

SEXTA-FEIRA, 15 DE SETEMBRO 2023, 20:15

EDITORIAL POR PAULO GONÇALVES

Concluída a primeira pausa no campeonato, após quatro jornadas disputadas, pode dizer-se que os resultados desportivos do FC Paços de Ferreira estão um pouco aquém das expectativas gerais. No entanto, uma vitória, um empate e duas derrotas (ambas fora de casa) não traduzem fielmente a prestação da equipa em campo, onde deveria ter somado mais pontos face à superioridade demonstrada em vários momentos de encontros que não venceu. Sabendo-se que a II Liga é uma prova de regularidade, tem faltado à equipa entender os momentos do jogo, nomeadamente não se expor em demasia perante adversários que se fecham em busca do erro alheio. As derrotas em Mafra e na Madeira surgiram por golos obtidos dessa forma, algo que vai certamente ser melhorado com o incrementar da experiência na prova por parte dos vários atletas de escalões inferiores que chegaram à Mata Real. O mercado de transferências encerrou no início deste mês e o plantel pacense recebeu 16 jogadores que não estiveram cá na época passada. É, por isso, necessário dar o devido tempo para que o mister Ricardo Silva consiga “alinhar” todas as novas peças deste xadrez, de forma a que o bom futebol (que tivemos oportunidade de ver com o Tondela) seja mais regular e se alie a vitórias que catapultem a equipa para os lugares cimeiros da classificação.

Esta noite o Paços está de regresso à fortaleza da Mata Real para defrontar o Leixões SC. Um clássico de outras décadas na Segunda Divisão e que, esperamos, sirva de mote para uma boa partida e uma importante vitória dos Castores. O equilíbrio é dominante nesta prova, pelo que só uma equipa na máxima concentração e eficácia poderá voltar a fazer sorrir os seus adeptos, como o fez na última partida caseira. O maior tempo de trabalho e a provada qualidade dos jogadores pacenses dão-nos essa confiança, sempre potenciada pelo apoio vindo das bancadas.

Os escalões de formação trabalham a pleno vapor nas oficinas da Mata Real, sendo que as equipas participantes nos campeonatos nacionais (Sub15, Sub17 e Sub19) já levam algumas jornadas disputadas na competição. Nesta edição damos voz aos treinadores destes escalões para nos falarem da forma como iniciaram as provas e, sobretudo, das expectativas para a temporada e para os jovens atletas que trabalham com o objetivo de chegarem a profissionais no Clube. Eles têm como exemplo o jovem Mauro Couto que, aos 17 anos, foi cedido no último dia de mercado ao Sporting CP, podendo potenciar a sua carreira ao mais alto nível e também ser uma mais-valia financeira para o Paços.

Os parceiros comerciais são apoios indispensáveis para o suporte financeiro dos Castores nas suas diferentes modalidades. Hoje ficamos a conhecer a parceria da «Noxae» com o futsal.

Boas leituras e Força Paços!

DESTAQUES DESTA EDIÇÃO



FCPF MAGAZINE

NÚMERO 89 - SETEMBRO 2023

TEXTOS: SARA ALVES | FOTOS: TELMO MENDES | DESIGN: RUI ABREU

IMPRESSÃO: PAÇOPRINT | TIRAGEM: 1000 EXEMPLARES | DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

MARCOS PAULO

«A proposta chegou e foi muito fácil aceitar»

Se há ditado que se espera que lhe assente que nem uma luva é o conhecido “Não há duas sem três”. Marcos Paulo chegou esta temporada ao FC Paços de Ferreira com duas subidas de divisão conquistadas nos dois últimos clubes que representou – e em busca da terceira. Com dez anos de futebol português e 17 de futebol europeu, o médio brasileiro tem já quase tantos anos no velho continente como no seu país natal, somando várias aventuras e experiências, agora lembradas em entrevista.

Se há quem conheça bem o desafio de subir de divisão, podemos dizer que tu és dessas pessoas. Nos dois clubes anteriores que representaste, foi o que aconteceu.

Exatamente, aconteceu no Vizela e no Farense, na época passada. Subir de divisão é realmente difícil e há vários fatores que contam muito e são fundamentais para que possamos consegui-lo: o trabalho, haver um conceito forte de família, a dedicação... E nos momentos difíceis temos de estar unidos para tornarmos o que de ruim está a acontecer em coisas melhores, pois é nas dificuldades que temos de ser mais fortes.

O foco está, portanto, na conquista da terceira subida.

Exatamente, foi para isso que vim para cá – para tentar e conseguir a subida à Primeira Liga.

Essas duas épocas de subida, no Vizela e no Farense, foram muito distintas? O que se passou num clube e noutro foi muito diferente?

Não foram muito diferentes, mas no Vizela foi um feito mais histórico, mais bonito, pelo facto de termos ficado 26 jogos sem perder e pela envolvimento da cidade e de todos os que estavam ali. O clube vinha do Campeonato de Portugal, não tinha um orçamento tão bom, não tinha tantos jogadores com experiência de Primeira ou Segunda Liga, então penso que a subida não era algo tão esperado, e sim a manutenção. Já no Farense foi o contrário. Houve um investimento muito grande, havia muitos jogadores experientes e com passagens na Primeira e Segunda Liga, já era algo mais expectável. Mas em ambos houve trabalho, dedicação, união entre todos, e isso é o que faz a diferença para conseguirmos o objetivo.

Esta época tem já quatro jornadas concluídas. Sentes que pode vir a ser mais competitiva e mais disputada do que alguma dessas duas, por exemplo?

Sim, muito mais. Diria que as equipas estão muito mais competitivas e mais capacitadas, com muitos jogadores de qualidade, com investimentos altos para chegarem à Primeira Liga, portanto penso que vai ser muito mais competitivo do que há dois anos.

Sabemos que vencer é o mais importante. Mas que característica é



mesmo imprescindível para que uma equipa consiga levar a bom porto essa missão da subida? Já falaste em algumas...

A constância. Quando vencemos, vencemos, mas quando não conseguimos vencer temos de fazer pelo menos um ponto. Querendo ou não, a derrota tira um pouco de confiança, mas isso não pode fazer com que baixemos a cabeça ou joguemos mal. Temos de fazer da derrota um incentivo para que no próximo jogo façamos melhor as coisas e consigamos a vitória. Acho que a constância é muito importante. Não perder é muito importante. É certo também que nós não podemos fazer da derrota um bicho de sete cabeças. A derrota é uma derrota. Nós sentimo-la e tudo isso, mas depois temos de reagir. A derrota torna-nos mais fortes. Claro que se trabalharmos em cima de vitórias é muito mais fácil, mas uma derrota põe-te alerta, porque também há um adversário e qualidade do outro lado. Então, a derrota tem de nos fazer crescer.

Tem sido assim no Paços? Que balanço fazes destes primeiros meses?

O balanço que eu faço destes meses é positivo. Passaram-se quase três meses e sinto o grupo muito unido. Há uma grande amizade entre nós, e o mister também tenta passar-nos isso, esse conceito de família. A verdade é que nós passamos muito tempo aqui dentro uns com os outros, mais do que com as nossas famílias, então essa união e esse conceito de família que estamos a criar aqui são pilares importantes para o sucesso.

O que é que te fez aceitar a proposta do Paços?

A proposta chegou até mim e foi muito fácil aceitar, pelo facto de ser um clube histórico, um clube

de Primeira Liga, e isso foi o que pesou mais na minha decisão. É um clube estável que proporciona todas as condições ao atleta, e que quer subir de divisão – o que para mim é importante, porque mostra a ambição do clube e eu também ambiciono isso para a minha carreira.

Houve ou tem havido algo que te tenha surpreendido por cá?

As condições. O estádio, o ginásio, os campos de treino... Há clubes da Primeira Liga que não têm isto. A estrutura do Paços é muito completa e isso chamou-me muito a atenção. Além do mais, todos os que aqui trabalham estão sempre dispostos a ajudar e a criar um ambiente

mais familiar, para que consigamos estar bem integrados e à vontade, contribuindo para nos deixarem mais confiantes naquilo que podemos fazer.

Na última jornada, a equipa não conseguiu sair com pontos da Madeira. O que é que faltou nesse jogo com o Marítimo que não vai poder faltar esta noite, frente ao Leixões?

Acho que estivemos bem no jogo. Cometemos alguns erros – o que é normal acontecer e já estamos a trabalhar para que não se repitam –, mas acho que faltou um pouco de eficácia no nosso último terço, na finalização. Faltou definir melhor as jogadas. Nós conseguimos jogar bem atrás, conseguimos chegar ao último terço, só que penso ter faltado um pouco de eficácia, de calma e tranquilidade para fazermos as coisas bem.

A equipa tem conseguido identificar as falhas a cada jogo e crescer com isso? Vai dando a volta às contrariedades que vão surgindo.



LFM

— FOLHAS DE MADEIRA —

Esse é o nosso dever. Trabalhamos e treinamos para isso. A cada jogo vão acontecendo alguns erros e durante a semana o mister vai passar-nos o que temos de corrigir e de melhorar, e penso que jogo a jogo temos mostrado uma melhoria muito grande. Claro que perdemos o último jogo e queríamos muito ganhar, mas são coisas que também acontecem – é futebol. Certo é que os erros estão a ser corrigidos e vamos melhorando a cada dia.

Entretanto aproveitaram a pausa do campeonato para um jogo de preparação com o GD Chaves – e venceram. Depois de uma derrota, e apesar de ser um amigável, dá um outro ânimo para encarar o desafio seguinte?

Contra o Mafra também perdemos e cá em casa mostramos uma força muito grande, frente ao Tondela. Portanto, acho que o jogo com o Chaves foi mais uma demonstração daquilo que podemos fazer. É um jogo amigável, claro, mas mostramos aquilo de que somos capazes. Foi um jogo importante para nós, porque ninguém quer perder, e também foi muito bom para prepararmos a semana do Leixões com mais tranquilidade.

Tens já muitos anos de futebol português, mas a tua primeira experiência fora do Brasil não foi cá – foi em França, no Le Mans. Como foi essa mudança?

Era muito jovem, tinha 19 anos. Foi a minha primeira aventura longe dos meus pais – com quem ainda vivia – e longe da minha família. No início foi duro. Lembro-me de que cheguei lá em janeiro. No Brasil era verão, mas na França era muito, muito frio e eu nem tinha roupa para aquele inverno todo. Até me adaptar tive de ficar no hotel, não falava a língua... foi mesmo complicado para mim. Passadas duas semanas, liguei para os meus pais para lhes dizer que queria ir embora, porque não conseguia ficar mais ali, mas eles disseram-me que se aquilo era o que eu realmente queria para a minha vida, se era realmente o meu sonho, eu tinha de continuar e aguentar. Tinha de superar, porque só com superação é que se chega a algum lado.

Mesmo à distância, são os pais o principal suporte.

Sim, e eles foram. Foram eles os que mais me

incentivaram. Sem eles, tudo o que aconteceu na minha carreira não teria sido possível.

E quanto ao idioma? Foste aprendendo ou havia um tradutor?

Não havia tradutor, tive de aprender no dia a dia. Mas também havia alguns brasileiros na equipa, e eu conversava muito com eles. Depois, passado um tempo, o clube disponibilizou uma professora de francês e eu fiz um curso durante três meses e fui aplicando diariamente. Ia ouvindo e falando errado... mas falava. [Risos]

É que costumam dizer que a linguagem no futebol é universal, mas acredito que nos treinos, quando o treinador faz uma explicação mais específica, seja um pouco difícil.

No início eu não percebia nada. E na equipa onde eu estava – porque fui primeiro para a equipa B –, não tinha nenhum brasileiro nem espanhol que falasse francês, então só estava ali a ouvir e não entendia nada. Era mesmo complicado.

Depois é que surge a vinda para Portugal, para a UD Leiria. Já te sentias mais em casa?

Sim, claro. Vim por via do Paulo Duarte – que foi o meu treinador em França e era genro do presidente do Leiria daquela altura, o Bartolomeu –, quando o meu contrato em França tinha terminado. E a adaptação já foi mais fácil. Foi muito tranquila. [Risos] A língua também é a mesma, apesar de algumas palavras diferentes, mas como já tinha convivido com portugueses na França – o João Paulo, central que jogou no Porto, e o próprio mister Paulo Duarte –, já percebia um pouco do português de Portugal.

Seguiu-se a Académica – outro clube histórico do futebol em Portugal, ao qual até regressaste mais tarde, após quatro anos na Grécia. Foi muito diferente aquilo que encontraste em Coimbra na tua segunda passagem?

Foi um contexto diferente. Nas minhas primeiras três épocas na Académica fomos de Primeira Liga, e quando regresssei ao clube havia muitas pessoas diferentes, a estrutura era diferente, e acho que foi mais complicado



“A ESTRUTURA DO PAÇOS É MUITO COMPLETA E ISSO CHAMOU-ME A ATENÇÃO”

pelo contexto de Segunda Liga. A Académica esteve muito tempo na primeira divisão antes da descida, e desde então não regressou e está agora na Liga 3... Mas o contexto para mim foi diferente, nunca tinha jogado na Segunda Liga, mas não me arrependo de nada. Acho que a vida de um jogador é mesmo assim, feita de experiências, de altos e baixos, mas a Académica foi para mim um clube especial onde passei quatro épocas e gostei muito.

E pelo meio, o que é que te motivou a sair de Portugal e ir para a Grécia?

Já tinha cinco anos de Portugal e já não me via a jogar mais no campeonato português. Queria uma nova experiência e surgiu essa oportunidade. Confesso que no início fiquei um pouco reticente, porque na altura a Grécia estava num impasse – sair ou não da Zona Euro –, mas quando saiu a decisão de continuarem, quis agarrar essa oportunidade. Foi muito importante para a minha carreira, foi lá que nasceram os meus filhos, e para a minha esposa também foi muito importante. Foi um lugar que nos marcou muito e pelo qual tenho muito carinho. Também não falava nada de grego – e não falo. [Risos] Agora já falo francês, sim, mas grego é muito complicado. Mas gostei muito de viver na Grécia, da cidade, do clube, das pessoas muito acolhedoras e carinhosas connosco,

então é um lugar muito especial para mim.

Foi também uma adaptação mais fácil do que aquela em França.

Muito mais fácil. Já tinha a minha esposa comigo também, ao contrário do que aconteceu na França, em que estava sozinho. Além disso, tinha muitos espanhóis, argentinos, bolivianos, e eu consegui desdobrar-me um pouco a falar espanhol. Mas o grego nada. [Risos] Nem mesmo as letras se conseguiam perceber. Impossível.

O futebol era muito diferente do português?

Vamos dizer que era mais à base da força. Não era tão técnico. Agora talvez esteja mais técnico, mas na minha época, há seis/sete anos, nem tanto. Praticava-se um bom futebol, mas era mais pela força, pela rapidez, assim como em França.

E os adeptos? A imagem que passam é de grande efusividade, são muito intensos.

São fanáticos! São muito ferrenhos pelo clube. É o clube da cidade e ponto final. Não há outro. Ia muita gente ao estádio, estava sempre cheio, e os adeptos gritavam, falavam muito, e apoiavam imenso o clube da cidade. Considero isso muito importante, porque mostra o amor das pessoas não só pela cidade, mas também pelo clube

100metros

em si. E para o clube é muito importante as pessoas estarem lado a lado com a equipa. São os adeptos que carregam o clube, e se eles não existissem nada era a mesma coisa.

Durante esses quatro anos, houve algum episódio que te tenha marcado?

Houve uma coisa triste que me marcou, penso que no meu terceiro ano. Na época, eu era o capitão do Panetolikos e a equipa não estava tão bem. E uma vez os adeptos invadiram o campo, queriam bater nos jogadores, cuspiram-me... Foi uma coisa que me marcou pela negativa, porque são exemplos que não devem ser dados. Atualmente, acontecem muitas coisas no futebol, principalmente na Grécia, Turquia, Roménia, Brasil, e nós não podemos compactuar com elas.

Esse acontecimento deixou-te receoso? Como é que vocês, atletas, reagem?

Não diria receoso. Ficamos tristes com o acontecimento. Na altura, fui falar com o diretor, que sabia do que aconteceu, e ele falou comigo e com os adeptos. Houve até uma reunião com os adeptos para que isso não acontecesse mais, pois era algo que o clube não achava correto e com o qual não podia compactuar – ainda que sejam coisas que às vezes os seguranças e os clubes não conseguem controlar.

Como já foi dito, regressaste, entretanto, a Portugal, para a Académica. O que é que te fez voltar, depois da vontade de sair em busca de algo novo?

A família. Na Grécia éramos nós os quatro – eu, os meus filhos e a minha esposa – e não tínhamos tantos amigos. Tínhamos alguns do clube e outros de fora, mas em Portugal tínhamos um suporte maior. E havia a questão do idioma, por causa das crianças. Queríamos que eles estudassem aqui, então foi algo que pesou muito na decisão. Foi mais uma questão familiar do que profissional.

É por Portugal que te vês num futuro mais a longo prazo?

Já falei muito disso com a minha esposa. [Risos] Ficar por aqui é algo que ponderamos muito. Ela gosta muito de Portugal e as crianças também. Só que ao mesmo tempo, como já estou fora desde os meus 18 anos e só vou ao Brasil um mês por ano de férias, até gostaria de voltar. Mas não excluo a hipótese de estar por aqui e ir ao Brasil mais vezes, no fim da carreira. Gosto muito de Portugal, é a minha casa há uns dez anos.



Por falar em final de carreira, acredito que isso é uma coisa muito difícil de se pensar.

Nem penso nisso ainda. [Risos]

Era o que eu ia perguntar. Se foste pensando nisso ao longo da carreira ou se és daqueles que enquanto estiver bem fisicamente não pensa no assunto.

Enquanto sentir que estou bem e tenho capacidade para exercer bem o meu trabalho, sem dores que me limitem, não penso nisso. Enquanto me estiver a sentir bem, vou continuar a minha carreira, e isso é algo para ver para a frente. Não penso no fim.

E ser jogador de futebol foi sempre o teu sonho?

No Brasil já nascemos com uma bola. [Risos] É algo de família. Os meus tios também foram jogadores. Não foram profissionais, mas todos eles foram jogadores, então cresci a ver futebol, a jogar futebol. Também entrei muito cedo para as escolinhas, pois era algo que eu queria para a minha vida.

Quais são as tuas primeiras recordações?

Os meus primeiros tempos de futebol foram na rua. Não havia um campo nem nada disso. Jogava na rua com os meus amigos; íamos para as quadras e a minha mãe às vezes nem sabia. [Risos] Até que integrar um clube se tornou uma paixão ainda maior. Atualmente, o futebol de rua é algo que já não se vê muito – aqui em Portugal é raro, e mesmo no Brasil também. Acho que os jogos de vídeo, as consolas e os telemóveis estão a consumir muito as crianças, e isso não é positivo. A tecnologia é muito importante em vários aspetos, mas não nisso. A meu ver, a essência do futebol está em juntar os amigos durante uma tarde e jogar na rua, descalço. E já não se vê muito isso.

Antes, as mães ficavam preocupadas porque não sabiam dos filhos, e agora ficam preocupadas porque os filhos não têm essas experiências?

É o convívio com os amigos que, querendo ou não, te torna mais sociável. Se estiveres dentro de casa só a jogar na consola não faz tanto sentido. Pelo menos esse é o meu ponto de vista e tento passá-lo aos meus

filhos – tanto que não temos consolas em casa e eles não usam telemóveis, a não ser numa rara exceção. Acredito que isso tira muito do que é ser criança. A criança perde muita coisa que podia estar a viver e não vive, por causa da tecnologia. E não precisam de sair só para jogar futebol! Basta sair com os amigos até um parque. Agora cada um está muito no seu canto.

E a escola? Conseguias conciliar as duas coisas?

Era fácil. O meu dia era muito cheio. Acordava às 6h30, a escola começava às 07h, voltava para casa por volta das 11h30, almoçava e às 13 horas tinha autocarro, porque eu fazia 30 minutos de viagem para uma outra cidade, para jogar à bola. Chegava lá, apanhava uma carrinha do clube que nos levava para o campo, e depois fazia o trajeto inverso. Chegava a casa pelas 18h, já cansado, tomava banho, jantava, fazia as tarefas da escola, dormia e no dia seguinte era a mesma rotina.

Eras bom aluno?

Era bom aluno. Gostava muito da escola e adorava Matemática! Não havia nenhuma disciplina da qual não gostasse, mas talvez não preferisse tanto História ou Geografia. Mas gostava muito da Matemática. E de Educação Física, claro. [Risos]

Em algum momento pensaste dar continuidade aos estudos?

Na verdade, ainda tenho essa vontade de fazer a faculdade. Educação Física, para continuar na área do desporto.

Uma mensagem para os adeptos.

Que continuem a apoiar-nos, pois são muito importantes para nós. Quando as coisas estão mal, eles têm de nos puxar as orelhas, mas, independentemente de qualquer coisa, eles são o nosso 12º jogador. Que nos apoiem até ao fim, para que no final da época possamos todos sorrir juntos.

INTER=ESTORE

ÚLTIMAS MEXIDAS

Entradas, saídas e regressos. Terminado o mercado de transferências no dia 1 de setembro, ficou definido o plantel que nos próximos meses será responsável por defender o amarelo. E para garantirmos que nada te escapou, deixamos-te a par de todas as movimentações.



ANGE CHIBOZO

AVANÇADO | BENIM | 20 ANOS

Foi em Itália que Ange Josué Chibozo fez quase toda a sua formação, em clubes como o Inter e a Juventus. Pelos Sub-19 da La Vecchia Signora, chegou às meias-finais da UEFA Youth League em 2021/2022, frente ao SL Benfica [equipa que se sagrou campeã da prova]. Nessa temporada, Chibozo cumpriu 42 jogos, dos quais resultaram 20 golos e duas assistências.

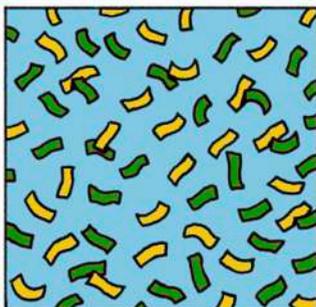
Na época seguinte, o novo reforço pacense – que é também internacional pela seleção do Benim – rumou a França para representar o Amiens SC no segundo escalão do futebol gaulês, contabilizando 23 jogos.



MAURO EMPRESTADO AO SPORTING CP

No último dia do mercado de transferências, FC Paços de Ferreira e Sporting CP chegaram a acordo para a transferência do atleta Mauro Couto a título de empréstimo com opção de compra. O jovem atleta de 17 anos, que esta temporada alinhava também pelos Sub-19, vai representar o emblema leonino em 2023/2024, depois de na época transata ter feito 22 jogos pelos Juniores A do FC Paços de Ferreira e ter-se estreado pela equipa principal.

ANTEVISÃO



Concluída a pausa para os compromissos das seleções, a Liga Portugal 2 está de volta, com FC Paços de Ferreira e Leixões SC a abrirem a quinta jornada. No último desafio em casa, os Castores garantiram uma expressiva vitória – e é novamente com os três pontos que esperam terminar o encontro de hoje.

HISTÓRICO DE CONFRONTOS

43 JOGOS

15
VITÓRIAS FC PF

15
EMPATES

13
VITÓRIAS LSC

57

GOLOS

57

SABIAS QUE...

FC Paços de Ferreira e Leixões SC defrontaram-se pela última vez na Segunda Liga. Em 2018/2019, o jogo da primeira volta do campeonato também aconteceu no Estádio Capital do Móvel, e terminou com uma vitória pacense, após o golo isolado de Douglas Tanque aos 79 minutos. Na segunda ronda, em Matosinhos, houve empate a uma bola, com Diaby a marcar pelos Castores – resultado que adiou a decisão do título para a jornada seguinte.



SOLVERDE.PT

LEIXÕES SPORT CLUBE

FUNDADO EM 28 DE NOVEMBRO 1907 | ESTÁDIO DO MAR - 2572 LUGARES
PRESIDENTE SAD: ANDRÉ CASTRO | TREINADOR: PEDRO RIBEIRO

Foi da fusão de três pequenos grupos desportivos de Matosinhos (Grupo Lawn – Tennis Prado, Grupo Lawn – Tennis de Matosinhos e Grupo Leixões Foot-Ballers) que nasceu o Leixões Sport Club, em 1907. O clube conta com várias modalidades além do futebol, como futsal, futebol de praia, voleibol, rugby ou natação.

3 ADVERSÁRIOS EM DESTAQUE



Vestiu a nossa camisola em 65 jogos e foi mesmo campeão pelo Paços em 2018/2019. Esta temporada, o guardião **Ricardo Ribeiro** reforçou os *Bébés do Mar*.



Outra cara bem conhecida do plantel do Leixões SC é o avançado **Ricardo Valente**. O português de 32 anos representou os *Castores* em 2016/2017 somando 31 jogos e 4 golos.



O ganês **Wakaso** dispensa apresentações. Depois de representar Portimonense SC, Rio Ave FC e Vitória SC, o Leixões SC é o quarto clube português onde o médio atua.

ÚLTIMO JOGO DO LEIXÕES SC

Na última jornada, o Leixões SC recebeu o SL Benfica B no Estádio do Mar. O conjunto orientado por Pedro Ribeiro acabou por garantir um ponto ao cair do pano (90+4'), graças a um golo do central brasileiro Léo Bolgado, quando a equipa jogava com menos um em campo – devido à lesão de Mozino numa altura em que já tinham sido esgotadas todas as substituições. Na primeira parte (26'), Maestro havia inaugurado o marcador a favor das «águias», através da conversão de uma grande penalidade. O Leixões SC é, atualmente, o penúltimo classificado com dois pontos – não tendo nenhum deles sido conquistado fora de portas.

FORMA ATUAL



SOLVERDE.PT

FUTSAL

NOXAE É O NOVO MAIN SPONSOR

A frente das camisolas do FC Paços de Ferreira REDIFOGO Futsal terá um novo patrocínio nesta temporada. A NOXAE foi apresentada como um dos principais parceiros da modalidade para 2023/2024.

Com o foco no crescimento da modalidade, o departamento de futsal do FC Paços de Ferreira tem fechado acordos importantes com novas empresas que têm como pilares valores com os quais o clube também se identifica. A NOXAE é um desses casos, tornando-se o novo main sponsor para a temporada que agora se inicia.

Sediada em Vale de Cambra, no distrito de Aveiro, a NOXAE foi fundada há cerca de dezoito anos, direcionando o seu foco para o ramo do aço inoxidável, automação e elétrica, e oferecendo aos seus clientes serviços «chave-na-mão». “O nosso principal foco é o fabrico de equipamentos em aço-inox, eletricidade e programação vocacionada para as empresas de sumos, essencialmente. Além disso, toda a parte da metalomecânica pode ser inserida em várias vertentes e equipamentos de outras áreas, como a química ou a farmacêutica”, explicou Pedro Costa, um dos responsáveis pela NOXAE.

De acordo com Pedro Costa, a decisão de abraçar este projeto com o futsal do FC Paços de Ferreira tem como objetivo “dar a conhecer um pouco mais a empresa”, mas também “ajudar o Paços a conseguir atingir os seus objetivos, tanto a curto como a longo prazo”. Uma visão que, segundo José Carlos Dias, responsável pelo futsal paçense, abre as portas para uma relação de simbiose de elevada relevância para um contínuo crescimento sustentável da modalidade: “Reconhecemos que a NOXAE tem assumido um grande destaque no tecido empresarial português, o que é uma mais-valia nesta parceria. Da parte do FC Paços de Ferreira REDIFOGO Futsal, sentimo-nos muito satisfeitos com esta ligação, e tudo faremos para corresponder às expectativas da empresa”.



noxæ



APRESENTAÇÃO

FUTSAL | EPOCA 2022 | 2023

16 SETEMBRO | A PARTIR DAS 14:00 | PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO Nº2 DE MODELOS

APRESENTAÇÃO DE TODAS AS EQUIPAS DO
FC PAÇOS DE FERREIRA FUTSAL REDIFOGO

14:00H - BENJAMINS VS AST

14:30H - INFANTIS VS ESC. ARREIGADA

15:00H - INICIADOS VS AST

16:00H - JUVENIS VS ADP

17:00H - JUNIORES VS EST. SUSANENSES

18:00H - EQUIPA PRINCIPAL



ENTRADA GRÁTIS

REDIFOGO[®] noxæ acrilsports.com AlarSAT CLASSIRIBALTA

Vem apoiar o futsal do Paços

FORMAÇÃO FC PF

ARRANQUE DOS CAMPEONATOS NACIONAIS EM ANÁLISE



As equipas Sub-19, Sub-17 e Sub-15 da formação do FC Paços de Ferreira, e que militam nos respetivos Campeonatos Nacionais, estão em competição oficial há um mês. Após quatro jornadas já concluídas, faz-se as primeiras análises com a certeza de que o caminho ainda é longo e haverá muito para mostrar.



À primeira vista, a passagem de um escalão Sub-17 para um escalão Sub-19 traz logo uma diferença evidente associada à faixa etária – “mais estabilidade e maturidade”. Quem o diz é o técnico da equipa, Paulo Menezes: “Este ano deu rapidamente para perceber que estava perante um grupo de adultos 101% focado única e exclusivamente em jogar e em trabalhar no limite com um único fim: puderem, porventura, ser jogadores profissionais de futebol um dia”. Além disto, a mudança no horário dos treinos é outro fator positivo a ter em conta, uma vez que ao serem realizados treinos durante a tarde – e não às 20h30, como acontecia nos Sub-17 – “a frescura mental e a capacidade de trabalho são completamente distintas”. “Quando temos todos estes ingredientes, o trabalho é muito mais proveitoso e o nosso único foco é evoluirmos dia após dia e chegarmos ao jogo da melhor maneira”, afirma.

O principal objetivo para esta temporada passa por “conseguir a manutenção o mais rapidamente possível”, com a consciência de que a equipa está inserida no “campeonato nacional de Sub-19 mais difícil de que há memória, pelas alterações introduzidas no modelo competitivo”. Até ao momento, duas vitórias (GD Chaves e Lusitânia de Lourosa FC) e duas derrotas (Boavista FC e FC Porto) resumem o percurso dos Juniores A neste arranque da prova, e as palavras do mister apontam para uma campanha bastante promissora: “Analisando estes primeiros jogos, vejo que temos uma equipa extremamente comprometida, competente e repleta de grandes homens que estão felizes e ligados com a nossa ideia, pois ela assenta na valorização

Joma

de todos. Temos melhorado jogo após jogo e acreditamos, sem dúvida, que vamos conseguir atingir o difícil objetivo que temos pela frente”.

“É fantástico perceber como esta equipa tem sido extremamente competente dentro e fora de campo. Os jogadores têm conseguido cativar-se uns aos outros, nunca deixando nenhum colega para trás. Desde o trabalho feito em campo, ao trabalho complementar de ginásio e nutrição, eles motivam-se com um único propósito: sermos todos melhores a cada dia”, acrescenta.

Os Juniores A recebem este sábado, às 15h, o Vitória SC – atual segundo classificado do Campeonato Nacional. O preço do bilhete para sócios é de 1€.



O Campeonato Nacional de Juniores B sofreu este ano uma alteração nos quadros competitivos. Contrariamente ao que acontecia na época passada, em que dez equipas compunham cada uma das três séries da primeira fase, nesta temporada existem apenas duas séries (Norte e Sul) compostas por 12 emblemas. “Cada jogo é uma final, não havendo lugar para facilitismos ou desleixos. Enquanto equipa técnica, passamos a liderar atletas mais velhos, o que nos obrigou a adaptar um pouco a nossa forma de trabalhar – aumentando a exigência e fazendo os jogadores perceberem que se estão a aproximar da fase final enquanto atletas de formação”, afirma o técnico Francisco Júnior.

Devido às poucas mudanças existentes no plantel, a integração dos novos atletas no decorrer da pré-época foi mais fácil, o que permitiu ao grupo “chegar a esta fase mais coeso e com melhor conhecimento entre todos”. Ao fim de quatro jornadas, os Sub-17 têm uma vitória (Padroense FC), um empate (FC Famalicão) e duas derrotas (Vitória SC e SC Braga), somando quatro pontos: “De forma fria, a análise que fazemos enquanto equipa técnica tem de ser positiva. Apesar de os resultados não terem sido sempre os desejados, não conseguimos apontar nada aos atletas ao nível de postura, qualidade de jogo e ‘espírito Paços”.

“Estamos sempre a evoluir. Tem sido um processo de conhecimento de parte a parte, de nos adaptarmos aos atletas e eles a nós, mas neste momento estou muito feliz por liderar esta equipa de homens que tem demonstrado uma atitude muito positiva. Procuram jogar para ganhar, independentemente do adversário, e têm uma capacidade competitiva muito acima da média, tanto em jogo como em treino”, destaca. O futuro dá sinais de ser risonho, e toda a estrutura do escalão Sub-17 está certa de que vão ser dadas “muitas alegrias aos pais e adeptos que tanto têm apoiado o grupo em qualquer estádio”.

O próximo desafio dos Juniores B é neste domingo, pelas 11h, frente ao Leixões SC. O encontro terá lugar no Complexo Desportivo Óscar Marques, em Matosinhos.



Concluídas as quatro primeiras jornadas, os Juniores C do FC Paços de Ferreira ainda não conseguiram somar pontos nesta caminhada pelo Campeonato Nacional, onde já defrontaram SC Salgueiros, FC Porto, SC Braga e Boavista FC. Apesar de o momento atual estar longe do pretendido e de haver a sensação de que a equipa merecia mais, o mister Pedro João só tem os olhos postos no futuro e no que o grupo pode ser capaz de alcançar: “Depois de uma pré-temporada bem conseguida, ainda não somámos pontos nas jornadas oficiais – portanto, não estar totalmente insatisfeito com o nosso momento pontual seria não ter noção da responsabilidade que é representar o Paços. Julgo que os números não refletem o que a equipa está a produzir, mas não há tempo para lamentações. É hora de trabalhar mais e melhor, de jogar mais e melhor, para que rapidamente atinjamos o patamar que pretendemos”.

Este é o primeiro ano do técnico Pedro João no FC Paços de Ferreira, mas a adaptação ao clube e à equipa foi considerada “rápida”. “É uma honra estar aqui. Sinto uma responsabilidade muito grande para não desiludir e para dignificar o passado, o presente e toda a dimensão do Paços, e sei da exigência desta missão. Mas temos um plantel com potencial. Gosto muito desta equipa e das características dos nossos jogadores, e acredito que há vários atletas com condições para terem espaço no futuro do clube”, analisa.

Trabalhar para o futuro é, naturalmente, uma das principais bandeiras da formação pacense e desta equipa técnica, que tem como objetivos “garantir a continuidade do Paços no mais alto nível do escalão Sub-15” e “potenciar jogadores com qualidade e que estejam perfeitamente identificados com os valores do clube”.

Este fim de semana, os Juniores C recebem a AD Barroselas no domingo, às 11h, e contam com o apoio de todos para a conquista dos primeiros três pontos.

JUNIORES C - SUB15



COMEÇA O TEU PERCURSO NO FUTEBOL
ESCOLA DE FUTEBOL “CASTORZINHOS”
RAPARIGAS E RAPAZES NASCIDOS ENTRE 2011 E 2019

SABE MAIS EM [BIT.LY/CASTORZINHOS](http://bit.ly/castorzinhos)





A semana que antecipou o jogo com o CD Tondela, na terceira jornada da Liga Portugal 2, foi aproveitada para consciencializar os adeptos pacenses para o desperdício alimentar e angariar alimentos para as famílias mais necessitadas.

Anualmente, um milhão de toneladas de alimentos são desperdiçados em Portugal – o que equivale a cerca de 100 quilos por pessoa. Os números são alarmantes, não só pelo facto de mostrar que se desperdiça uma elevada quantidade de recursos, como também se perde a oportunidade de combater a fome daqueles que não têm tanta capacidade de acesso a alimentos. E foi por isso que o FC Paços de Ferreira – no âmbito do Paços Solidário – decidiu alertar os seus adeptos e os fãs de futebol para esta realidade.

Uma semana em que a equipa profissional entraria em campo pelas 14h de um sábado – dia em que várias empresas da região estão em funcionamento – foi a altura certa para a sensibilização. “O FC Paços de Ferreira decidiu avançar com esta ação, porque faz parte da política de responsabilidade social do clube. Então, pensamos que ao termos um jogo a uma hora que obriga as pessoas a terem de fazer a sua refeição mais depressa – entre a saída do trabalho e o apito inicial – seria uma boa oportunidade para alertarmos para o desperdício alimentar”, explica Rui Abreu, responsável pelo Departamento de Marketing e Comunicação do emblema pacense. À ação de sensibilização que foi decorrendo nas redes sociais, juntou-se uma campanha de angariação de alimentos: um bilhete para o encontro com o CD Tondela em troca de bens alimentares a serem entregues à ReFood.

“Fomos contactando algumas associações. A ReFood faz um trabalho muito meritório a nível nacional, no que diz respeito ao combate à fome de famílias mais carenciadas, e foram os primeiros a responder-nos”, acrescenta. A parceria estava, assim, oficializada. O estádio iria encher-se de adeptos, e as despesas de quem mais precisa iriam encher-se de alimentos. No final, o balanço tinha tudo para ser positivo... e foi – com 120 quilos de bens angariados: “Esta campanha surgiu numa altura do ano em que muita gente que habitualmente vem ao futebol não estava cá devido às férias, mas mesmo assim conseguimos centenas de alimentos”.

Além das pessoas interessadas em assistir ao duelo entre FC Paços de Ferreira e CD Tondela, houve também quem quisesse apenas deixar o seu contributo sem o intuito de adquirir um ingresso. “Terminada a ação, só podíamos dizer que tudo tinha corrido da melhor forma, porque além do essencial – que era passarmos a mensagem contra o desperdício alimentar –, ainda conseguimos ajudar várias famílias. E isso é sempre de salutar”, conclui Rui Abreu.

O QUE É A REFOOD?

“A REFOOD TEM COMO MISSÃO RESGATAR ALIMENTOS, ALIMENTAR AS PESSOAS E INCLUIR TODA A COMUNIDADE LOCAL, COCRIANDO UMA SOCIEDADE MAIS SUSTENTÁVEL, JUSTA E SOLIDÁRIA”. LÊ-SE NO SITE OFICIAL. ESTE MOVIMENTO INDEPENDENTE, SUSTENTÁVEL E 100% VOLUNTÁRIO É ORIENTADO POR CIDADÃOS E OPERA LOCALMENTE EM VÁRIAS REGIÕES, OFERECENDO AJUDA ALIMENTAR PRIORITÁRIA A PESSOAS, FAMÍLIAS E INSTITUIÇÕES. PARA SABERES MAIS, VISITA RE-FOOD.ORG.

franciscoj.dias
mobiliário

ÚLTIMO JOGO

LIGA PORTUGAL 2

4.ª JORNADA



2

15 Igor Julião
69 Platiny

CS MARÍTIMO

Samú Silva, I. Julião (64' T. Domingos), Matheus Costa, Collard, Vitor Costa, Diogo Mendes (57' Rene Santos), João Tavares (64' Noah), Xadas (81' Bruno Marques), F. Cann, Lucas Silva (57' Euler) e Platiny.



0

FC PAÇOS DE FERREIRA

Marafona, Aldair, Lima, Erick Ferigra, Antunes, Marcos Paulo (65' Gorby), Whelton Jr. (75' Costinha), Matchoi (85' Luiz Carlos), Cipenga (75' Chibozo), Ulton (65' Rui Fonte) e Celeri.

FCPF SIDELINE

VÊ O QUE A LENTE DA FCPFTV
CAPTOU NESTE ENCONTRO





DEFENDE O AMARELO
19